

DA LÍNGUA LUUANDINA A UMA LÍNGUA ESLAVA: O DESAFIO DE UMA TRADUÇÃO

DOROTA WOICKA

U. Porto. dorota_poland@hotmail.com.

Como afirma Xico Futa, ao tentar responder à pergunta sobre o porquê do roubo do papagaio Jacó, que é uma criatura velha e doente, o fio da vida, mesmo que esteja podre, não parte – «puxando-lhe, emendando-lhe, sempre a gente encontra um princípio num sítio qualquer, mesmo que esse princípio é o fim doutro princípio». «Os pensamentos (...)», continua a explicar o nosso sábio-malandro, «têm ainda de começar em qualquer parte, qualquer dia, qualquer caso. Só o que precisa é procurar saber»¹. Depois de nos encorajar a descermos à procura do princípio do cajueiro – uma viagem inesquecível –, Xico Futa remata dizendo que, para contar uma história, «é preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas»². Li e reli a lição do Xico Futa numerosas vezes – primeiro, como leitora apaixonada pelo livro, depois, como a sua tradutora – e a mesma surgiu-me naturalmente ao procurar por onde começar a relatar o que foi o processo de tradução do *Luuanda*. Como foi um processo demorado, nada fácil, semeado de dúvidas, interrupções e retomas, era mais do que claro que deveria puxar pelo fio da vida – não havia outra maneira de começar a relatá-lo senão pela «raiz dos casos».

Poderíamos dizer que tudo começou quando avistei Luandino pela primeira vez numa tertúlia da associação Porta XIII em Vila Nova de Cerveira – era outubro de 2010 –, sem

¹ VIEIRA, 2004: 70.

² VIEIRA, 2004: 72.

ainda saber que era o escritor sobre o qual tinha estudado uns meses antes na minha cadeira de literatura africana de língua portuguesa na Universidade de Varsóvia. Ou será que começou depois, quando soube que aquele senhor de barbas brancas era mesmo Luandino e, para ter uma razão para o conhecer, li *Luuanda*, vorazmente, de um fôlego? Mas será que isso teria acontecido sem os contos do Subcomandante Marcos, que analisei na minha tese de mestrado, e que me deixaram com uma certa fome de literatura política? «Então podemos falar» – diria talvez Xico Futa, para esclarecer tudo isto – «que a raiz do caso da tradução foi o encontro do autor do *Luuanda* com uma certa mbôa, a qual gostou imenso do livro dele, mesmo que para trás também damos encontro com esta mesma moça a estudar sobre o autor num país frio e longínquo, e talvez até com um certo guerrilheiro que era subcomandante e escritor em selvas igualmente longínquas; e, na frente, com muitos problemas de várias naturezas, antes de chegarmos ao setembro de 2014, quando a *kanvanza*³, por fim, deu fruto». Assim poderia dizer Xico Futa. O seu amigo, Garrido Kam'tuta, adicionaria que tudo isto, tal como na vida dele, aconteceu «por acaso» – e aconteceu, realmente – foi, no entanto, um acaso muito feliz e pelo qual estou muito agradecida.

É importante sublinhar que, apesar de ter tido várias experiências com tradução técnica e consecutiva, não sou uma tradutora profissional, assim que no momento em que Luandino concordou que eu traduzisse o livro – e a minha alma dançou de felicidade ao ritmo de mil *ngomas*⁴ – não sabia quão longo ia ser o caminho à nossa frente. Digo nossa, porque durante todo o processo contei com imensa ajuda do autor, que foi indispensável para o esclarecimento de todas as referências culturais e linguísticas que me eram desconhecidas. Não existe maneira de agradecer as largas horas que Luandino passou a trabalhar comigo na sede da Porta XIII, lugar mágico onde entrava com imensas dúvidas e de onde saía com o caderno cheio de explicações e desenhos, assim como os e-mails e mensagens, através dos quais passámos a comunicar quando me mudei de Cerveira para o Porto. A colaboração desenvolvida com o autor influiu, sem dúvida, no resultado final da tradução, aspeto do qual só ganhei consciência após o processo editorial e sobre o qual me debruçarei posteriormente. Antes de lá chegar, gostava de relatar o maior desafio que enfrentei – a tradução da língua luandina – e levar o leitor, se mo permite, pelas diferentes fases deste processo. Yavulu? Ngondo zwela yofelefele ngo.⁵ Vamos camaradas, «com depressa!»

O desafio da língua luandina

A pergunta de como traduzir a linguagem de *Luuanda* – que, conforme é bem sabido, não só é uma das suas personagens, mas também portadora dum grande significado polí-

³ Quimbundo: confusão.

⁴ Quimbundo: tambor.

⁵ Quimbundo: É muito? Prometo ser breve.

tico –, acompanhou-me sempre durante o processo de tradução. Por um lado quis preservá-la ao máximo, tentando proporcionar ao leitor polaco a mesma experiência de estranhamento, surpresa e deleite, de que eu própria usufruí ao ler o livro em português, assim como mostrar de alguma forma as aspirações políticas subjacentes aos constantes jogos linguísticos do autor. Por outro lado, era vítima de vários receios e angústias, ao não saber de que audácia linguística seria eu capaz como tradutora principiante, assim como que tipo de audácias linguísticas me permitiria o registo da minha língua materna. A resposta para a pergunta de como traduzir a língua luuandina foi diferente em cada etapa da tradução, pelo que esta também mudou várias vezes até chegar à sua versão final.

Vale a pena sublinhar que, se tivesse querido, poderia ter consultado e seguido exemplos de outras traduções de literatura africana em língua portuguesa, tentando conhecer e escolher um dos caminhos previamente tomados pelos seus tradutores. Até 2011, ano em que comecei a traduzir, tinham sido publicadas em polaco quatro obras de Mia Couto – *O Último Voo do Flamingo* (2005), *A Varanda do Frangipani* (2009), uma antologia de contos sob o título *Naszyjnik z opowiadaf* (*O colar feito de contos*, 2008) e *Terra Sonâmbula* (2010) –, assim como *Jaime Bunda, agente secreto* (2010) de Pepetela. Até à conclusão da tradução do *Luuanda* saíram também *As Mulheres do Meu Pai* (2012) de Agualusa e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2013) de Ondjaki. A este conjunto podemos somar também dois números da revista *Literatura na Ąwiece* (*Literatura no mundo*, 2008 e 2012) dedicados por completo aos autores africanos de língua portuguesa, em que, entre entrevistas e textos teóricos, foram publicadas traduções de textos de Germano Almeida, Waldir Araújo, João Paulo Borges Coelho, Paulina Chiziane, Luís Bernardo Honwana, Conceição Lima, Ungulani Ba Ka Khosa, Rui Knopfl, Ondjaki, Pepetela e Ana Paula Tavares – e um número de *Nowa Dekada Literacka* (*Nova Década Literária*, 2011), em que apareceram traduções de textos de Inácio Rebelo de Andrade, José Eduardo Agualusa, Mia Couto, Ondjaki e Pepetela. Qual não foi a minha surpresa quando – depois de ter sido publicado *Luuanda* – soube que também tinha sido traduzida a «Estória da galinha e do ovo», constando do livro *Contos portugueses dos séculos XIX e XX*, publicado em 1979 em Cracóvia. Apesar de, nas biografias dos autores, figurar que Luandino Vieira é de nacionalidade angolana, esta tradução, da qual nem eu nem o próprio autor estávamos a par, sugere que podem existir outras traduções de autores africanos anteriores às da última década⁶. Sendo a minha tradução fruto dum interesse pessoal e da crença de que o livro era merecedor de tradução, e

⁶ A língua, cultura e literatura portuguesa começaram a ser lecionadas como um curso independente na Universidade de Varsóvia em 1977 e foi graças a este curso que surgiram nos finais dos anos setenta, assim como nos anos oitenta e noventa, muitas traduções de português para o polaco. Desde então cursos similares abriram em várias universidades públicas – entre outras, na de Cracóvia, Lublin e Poznań –, sendo que só há pouco tempo é que em algumas a Literatura Africana de Língua Portuguesa é regida como uma cadeira independente. Por isso, não podemos excluir a possibilidade de que existam mais traduções de autores africanos misturados com traduções de autores portugueses e brasileiros de que os próprios autores não tenham conhecimento, tal como aconteceu com a *Estória da galinha e do ovo* de Luandino Vieira.

ao não existir nenhum compromisso editorial, na realidade não confrontei nenhuma destas traduções e rumei por um caminho desconhecido.

Sem ter contacto prévio com as traduções de Michal Lipszyc, um tradutor polaco de vários autores africanos de língua portuguesa, parece que na primeira etapa da tradução as minhas decisões se assemelhavam às tomadas por ele ao traduzir *Terra Sonâmbula* de Mia Couto. Pelo menos assim parece sugerir a recentemente por mim consultada nota de tradutor que consta da edição polaca deste livro, em que Lipszyc divide os tradutores de Mia Couto – tanto para polaco como para outras línguas –, entre aqueles que acham que a tentativa de recriar os neologismos do autor é arriscada demais e pode dificultar o entendimento do conteúdo, pelo que abdicam deste desafio completa ou parcialmente, e aqueles que fazem tal tentativa. Ele próprio, como explica, ao traduzir *Terra Sonâmbula* fazia um esforço por criar um neologismo por cada neologismo de Mia Couto, no mesmo lugar da frase e, se fosse possível, de forma que refletisse o jogo de linguagem do autor da forma mais fiel. Nos poucos lugares em que tal não era possível, ou que o resultado não lhe agradava, Lipszyc criava um neologismo numa outra parte da frase⁷. As minhas intenções na primeira etapa de tradução foram muito parecidas. Tentei ser muito fiel ao original e, em cada momento em que eu própria estranhava a língua de Luandino, tentava fazer com que o leitor em polaco também se surpreendesse, na maioria das vezes utilizando o mesmo recurso – por exemplo, se o autor abreviava ao utilizar a apóstrofe, eu também procurava a melhor maneira de abreviar o equivalente desta palavra em polaco. Preservei a maioria das palavras em quimbundo, explicando o seu significado no glossário, e criei neologismos para substituir outras tantas. Foi um passo tomado pensando na comodidade do leitor: a edição a partir da qual estava a traduzir, a da Editorial Caminho, do ano 2004, contava até com 101 entradas de glossário e, ao tentar substituir algumas palavras por neologismos, procurava que o leitor estranhasse a palavra sem ter de ir ao fim do livro para conhecer o seu significado. Tal foi o caso da palavra quimbunda *cabobo*⁸, para cuja tradução criei nesta etapa várias propostas – veremos a continuação da sua história mais adiante.

Ao traduzir não me abandonava o pressentimento de que a minha tentativa de copiar fielmente todos os jogos linguísticos de Luandino – juntamente com o elevado número de referências geográficas, botânicas e zoológicas desconhecidas para o leitor polaco, assim como as numerosas palavras em quimbundo e neologismos – fazia com que o resultado textual pudesse ser difícil para os leitores, mesmo que estes – através dum prefácio ou posfácio – soubessem do porquê da rutura do autor com a norma. Tal suspeita foi confirmada pelo meu irmão, professor de língua polaca e o primeiro leitor da primeira tradução do *Luuanda*, cujos comentários me foram muito úteis na etapa de repensar a tradução a fim de tentar facilitar a sua leitura. Olhando para trás, é interessante notar que a primeira etapa

⁷ COUTO, 2010: 290.

⁸ Sem dentes.

de tradução demorou somente alguns meses – período, em que traduzia nos meus tempos livres – e que a segunda etapa – em que tinha de decidir que alterações deveriam ser implementadas – demorou mais de dois anos. Este período foi marcado por várias pausas, em que o texto descansava na gaveta por largas temporadas, e vários momentos de retoma do trabalho, e foi – sem dúvida – a etapa em que mais lutei com a tradução, tentando ver quais as características da linguagem luuandina que podia manter sem dificultar a leitura.

Comecei por reduzir o número de abreviações, omissões e outros «erros» deliberados cometidos pelo escritor em prol da sua linguagem literária. Tentei também traduzir mais palavras em quimbundo para o polaco a fim de diminuir as remissões para o glossário, o qual, por conter, no final, somente as palavras em quimbundo, passou a chamar-se «Dicionário de Quimbundo». As outras palavras que constavam do glossário da edição da Caminho, tais como, por exemplo, o termo «assimilado», foram colocadas em notas de rodapé, onde foram também explicados outros conceitos culturais alheios a um leitor polaco, tais como «língua crioula» ou «Mais Velho/Mais Novo», assim como termos geográficos como «Kuanza» ou «Mbengo». A seguir, sempre pensando na comodidade dos leitores, passei a reduzir a quantidade de neologismos. Apesar de alguns dos neologismos criados funcionarem muito bem no texto – caso de palavra *grabiejaszek*⁹, nascida da junção de palavra *grabież*, que significa «furto», e a palavra *złodziejaszek*, «ladrão» ou «vigarrista», e que veio no texto substituir a palavra *capianguista*¹⁰, ou a de igual forma criada palavra *grabiejstwo*¹¹, que substituiu a palavra *capiango*¹² – outros tantos, cuja criação foi bastante trabalhosa, acabaram por ser eliminados. Tal foi o caso da palavra *cabobo*, «sem dentes» – pois nenhuma das muitas criações resultantes de diferentes jogos entre palavras «falta», «dente» e «diastema»¹³ acabou por ser utilizada na versão final da tradução – e cujos muitos possíveis substitutos descansam no, assim por mim chamado, «cemitério de neologismos».

A tradução de *Luuanda* sofreu mais alterações durante o processo editorial, em que a revisão da tradução foi feita pela Professora Zuzanna Jakubowska, uma tradutora experiente, que foi muito rigorosa em adequar a tradução às regras de polaco padrão. Por um lado, introduziu mais gíria corrente para conferir aos diálogos um ambiente mais popular e natural; por outro, procurou encontrar nomes polacos para as referências botânicas ou zoológicas e outras palavras em quimbundo, cujo número foi limitado àquelas completamente «intraduzíveis», tais como *musseque*, *cassandra* ou *sungadibengo*. A relação numérica

⁹ VIEIRA, 2014: 73.

¹⁰ VIEIRA, 2004: 70.

¹¹ VIEIRA, 2014: 84.

¹² VIEIRA, 2014: 79.

¹³ Entre os exemplos de palavras que poderiam substituir a palavra *cabobo* encontram-se, entre outras, as palavras *szczerbielec*, *szczerbus*, *szczerbuch*, *szczerbizqb*, *szczerbozqb*, *szczerbobrak*, *zqbobrak*, *zqbiszczerb*, *zqboszczer* e *bezzqbnik*.

final entre o glossário/dicionário de quimbundo e notas de rodapé na edição da Caminho e na tradução publicada pela editora Biblioteka Iberyjska pode ser analisada na seguinte tabela:

	Glossário / Dicionário	Notas de rodapé
Original	101	0
Tradução	27	43

Concordei plenamente com algumas mudanças introduzidas na tradução, menos com outras – tais como a introdução de algumas notas de rodapé. No entanto, é preciso sublinhar que o trabalho desenvolvido pela Professora Zuzanna Jakubowska teve uma influência significativa na versão final da tradução, pelo que foi decidido que o livro saísse com créditos de tradução partilhados.

Olhando para a tradução polaca de *Luuanda*, creio estar perante um texto de destino muito mais clássico do que o texto de partida e da tradução que eu própria teria desejado fazer, talvez devido à estrutura da língua polaca, talvez devido à falta de experiência anterior em tradução literária. Por um lado, vejo um texto em que se conseguiu manter a oralidade visível da língua luandina – as suas frases compridas e a gíria –, algumas palavras em quimbundo e alguns neologismos, por outro lado, na tradução perde-se muita da experiência estética da língua luandina referente aos diversos jogos linguísticos, entre outros, com a fonética, a sintaxe e a gramática. Também o processo editorial, que foi especialmente rápido, não permitiu a minha releitura da versão final antes de ela ser impressa, e a consequente troca de opiniões, pelo que nesta se encontram algumas gralhas e passagens que, na minha opinião, poderiam ser melhoradas. Por tudo isto, tenho sentimentos contraditórios em relação ao resultado final. Fico muito feliz pela possibilidade de o público polaco descobrir a obra de Luandino, no entanto gostaria que ela refletisse, de forma mais fiel, o original e a língua luandina pela qual me apaixonei. As intenções originais de Luandino foram explicadas no posfácio desta edição, em que tentei sublinhar o quão importante, tanto estética como politicamente, é a linguagem do original. Será suficiente para o leitor imaginar a fantástica linguagem em que Garrido se declara a Inácia, vavó explica como é que se faz o peixe d'ontem e as vizinhas do Sambizanga discutem por causa do famoso ovo?

As marcas de Luandino

Desde o princípio soube que a colaboração desenvolvida com o autor iria facilitar o meu trabalho. No entanto, foi somente após a publicação do livro, no emocionante momento em que o tive nas mãos pela vez primeira, que me dei conta da influência que os nossos encontros tinham exercido sobre a edição polaca de *Luuanda*. A marca mais visível

são, sem dúvida, as ilustrações de José Rodrigues, que, a pedido pessoal de Luandino, o artista teve a generosidade de me facultar e que enriquecem o livro de uma forma excepcional. No entanto, neste primeiro folhear das páginas saltou-me à vista que também alguns dos elementos extratextuais do livro foram significativamente marcados pelo contacto com o autor, em encontros que eram momentos não só de clarificar as minhas dúvidas em relação aos aspetos linguísticos da obra, mas também em que Luandino saciava a minha curiosidade, despertada por causa de um detalhe do texto, uma palavra ou uma cena, através de uma explicação ou uma história merecedora de ser apontada. Posteriormente, ao ter acesso a narrativas mais pessoais da vivência colonial em Angola, senti uma necessidade consciente ou inconsciente de as transmitir aos leitores polacos através das entradas no dicionário do quimbundo, das notas de rodapé e do posfácio.

No dicionário de quimbundo destaca-se, por exemplo, a entrada que explica o significado da palavra *musseque*, que ocupa quase uma página graças aos inúmeros detalhes proporcionados por Luandino. Ao consultá-la os leitores não só ficam com uma ideia clara da geografia da cidade, podendo situar a Cidade Alta, a Cidade Baixa (ou Praia) e os musseques, mas também percebem como, através da cor de pele e funções desenvolvidas pelos habitantes de cada parte da cidade, se podia observar – segundo Luandino – a discriminação em que se baseava a sociedade colonial. A seguir são explicados outros detalhes, por exemplo, a construção nos anos cinquenta de torres de luz e de uma rede de ruas que cobria os *musseques* e pelas quais se movimentavam as patrulhas – ambos os detalhes constam da primeira estória – a fim de melhor controlar a população no tempo do crescente descontentamento político. A entrada no dicionário acaba com uma lembrança do autor, que mencionou numa das conversas que debaixo destas torres, únicas fontes de luz no bairro, juntavam-se centenas de jovens, os quais traziam os seus bancos ou latas para nelas se sentarem e ali liam e estudavam, pelo que, na reflexão de Luandino, as torres, que tinham como objetivo controlar a população local, ajudavam na sua emancipação. Detalhes similarmente interessantes e esclarecedores da vivência colonial encontram-se no posfácio, entre eles as informações proporcionadas pelo autor sobre o acesso à educação das classes menos privilegiadas, exemplificadas com a ajuda das lembranças dos tempos escolares do próprio escritor. Também enriquecida pelos detalhes mais pessoais aparece neste mesmo prefácio a história da escrita do livro – assim, o leitor polaco pode saber que personagens conhecidas pelo autor na prisão inspiraram a *Estória do ladrão e papagaio* ou qual foi a reação do próprio ao descobrir o *Sagarana* de Guimarães Rosa ou saber que tinha ganho o Grande Prémio de Novela Camilo Castelo Branco da Sociedade Portuguesa de Escritores. Estas informações, tão detalhadas e enriquecedoras da tradução, não se encontrariam na edição polaca do *Luuanda* se o autor não me tivesse dedicado o seu tempo a responder a todas as perguntas com paciência e pormenor.

Tenho, no entanto, de admitir, que o convívio com o autor e o grande respeito que senti ao conhecer mais a fundo a história da sua vida podiam ter influído numa certa pro-

liferação, alargamento e politização de algumas notas de rodapé. A entrada do glossário da edição da Caminho sobre a região de Ícolo e Bengo, por exemplo, consta somente duma frase que esclarece que é uma região vizinha da cidade de Luanda. No entanto, a nota de rodapé criada na edição polaca do livro é muito mais comprida e não só explica que a região era conhecida pelas frequentes revoltas dos seus habitantes, forçados pelos colonizadores a abandonarem o seu estilo de vida tradicional e a cultivarem algodão – informação proporcionada por Luandino numa das nossas conversas –, mas também afirma que foi esta a terra natal de Agostinho Neto e contém resumida informação sobre a sua vida e luta. Entre outras notas de rodapé do género podemos mencionar aquela que explica por que a vavó Xíxi abanava a cabeça «num lado e noutro, sem mesmo dar conta, parece era um boneco de montra de lotaria»¹⁴, que explica que os bonecos eram um elemento comum das montras das lotarias e aclara que a razão da popularidade deste tipo de jogos era o limite de dinheiro que os colonos portugueses poderiam enviar para casa. A seguir passa-se a explicar que, como a lotaria era portuguesa, as senhas vencedoras podiam ser mandadas para a metrópole, onde o prémio podia ser resgatado em escudos. Esta nota de rodapé poderia ser facilmente dispensada; no entanto, decidi colocá-la já que contém informações históricas proporcionadas por Luandino, a que o leitor, de outra maneira, provavelmente nunca chegaria, e, ainda mais importante, revela as limitações que sugerem, de alguma forma, a opressividade do regime ditatorial em que vivia o Portugal daquela altura. Admito que se tivesse traduzido o livro por encomenda editorial e sem conhecer o autor os elementos extratextuais careceriam sem dúvida de muitos detalhes interessantes, assim como as notas de rodapé não teriam a mesma dimensão política.

Esta, de forma resumida, foi um pouco da minha experiência na tradução do livro de uma língua luuandina para uma língua eslava – um processo demorado e difícil, um desafio que sem dúvida marcou o meu percurso como estudante de doutoramento, amante de literatura e pessoa. Permitam-me que me ausente – há muito fio da vida por tecer – e que me despeça de uma forma luuandina.

Minha estória. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem. Eu só juro que não falei mentira e estes casos passaram nesta nossa terra... do Porto, Vila Nova de Cerveira e Varsóvia.

Bibliografia

- COUTO, Mía (2010) – *Lunaticzna Kraina*. Kraków: Wydawnictwo Karakter.
 VIEIRA, José Luandino (2004) – *Luuanda*. Lisboa: Editorial Caminho.
 ____ (2014) – *Luuanda – Historie z Angoli*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska.

¹⁴ VIEIRA, 2004: 24.